

MOEDAS ÁRABES DE BEJA INVOCANDO IBN QASI NOVA LEITURA E INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Miguel Telles Antunes (*) e Adel Sidarus (**)

INTRODUÇÃO

Escavações na Lapa do Fumo (Sesimbra) dirigidas por E. da Cunha Serrão (cf. SERRÃO, 1968) resultaram, em 1956, na descoberta de moedas árabes, particularmente interessantes por se tratar de um dos raros casos, em Portugal, de achado de proveniência bem conhecida. São quirates, espécie monetária de prata, adoptada e largamente produzida pelos Almorávidas, e que persistiu ainda algum tempo depois.

Umás são do soberano almorávida ‘Ali ibn Yusuf (500-537 AH/1106-1142 AD). Porém, a maioria foi cunhada no Sudoeste peninsular após o colapso do poder almorávida, no período em que se constituíram efémeros reinos dissidentes ou taifas (2.^{as} taifas, ou taifas almorávidas), antes de ser adoptado o novo sistema monetário da dinastia em ascensão, a dos Almóadas.

As moedas recuperadas na Lapa do Fumo e conservadas no Museu Municipal de Sesimbra foram estudadas por J. FIGANIER (1958). Um dos resultados mais notórios foi a caracterização de Silves, pela primeira vez, como sede de oficina monetária.

Em revisão, J. MARINHO (1968, p. 18-22) identificou Beja como outra localidade onde foi cunhada moeda árabe; baseou-se no espécime n.º 7 desta colecção, então único do seu tipo. Refere-se-lhe, também, em nota de rodapé (MARINHO, 1985, p.183). Nas obras citadas, são produzidas críticas à leitura de FIGANIER e avançadas interpretações, que variaram, acerca da palavra que se segue ao nome Abu Talib: *al-Zahra* (?). Em 1968, como apelido deste desconhecido emir; em 1985, como atributo de Beja - “a brilhante de brancura”.

Surgiu novo elemento, outro quirate de Beja, brevemente descrito por MARINHO (1988). Foi adquirido por um de nós (M.T.A.), que mais não apurou

(*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

(**) Secção de Estudos Árabes, Univ. de Évora, Apartado 94, 7001 Évora Codex, Portugal.

quanto à proveniência, senão que proviria da região de Beja. Pertenceria, talvez, ao “grande achado de moedas em terras ao Sul de Beja, em 1954” referido por MARINHO (1985, p.192). Como no primeiro quirate bejense, é invocado Ahmed Ibn Qasi, o auto-proclamado Mahdí que, durante breve período, foi Rei de Mértola e de todo o Sudoeste peninsular ⁽¹⁾. Porém, se as palavras das legendas são as mesmas, a disposição não é idêntica. Aqui, o termo duvidoso segue-se, na mesma linha, a Abu Talib; daí nova inflexão de opinião - “Agora a dúvida voltou a instalar-se, pelo facto de o abridor do cunho, ... , ter escrito ... <<Abu Talib>> e <<al-Zahra’>> numa só linha, como se, em conjunto, ... figurassem o nome do emir, personagem ... que não foi possível encontrar mencionada em qualquer outro documento, ... “ (MARINHO, 1988, p. 3-4).

Entretanto, surgiram documentos, epigráficos (BORGES, 1987) e numismáticos (ANTUNES & SIDARUS, 1991), referentes a Ibn Wazir, Senhor de Évora que, a certo passo, aderiu e se aliou a Ibn Qasi para, depois, com ele romper e o destronar, convertendo-se no chefe de um estado que englobava aproximadamente os actuais Alentejo e Algarve. Dado o excepcional interesse de uma moeda de ouro, inédita, de Ibn Wazir invocando o último emir almorávida, Ishaq ibn ‘Ali, elaborámos (*idem*) um estudo em que, além da componente numismática, foram aclarados aspectos histórico-políticos e apresentado um novo quadro cronológico dos acontecimentos principais.

Os percursos políticos de Ibn Qasi e de Ibn Wazir interferiram. A época, conturbada, é rica de acontecimentos relacionados com a progressão dos reinos cristãos, entre os quais o Portugal nascente, e, por outro lado, as contra-pressões das dinastias berberes: Almorávidas, que tentavam recuperar o seu poderio na Península; e Almóadas, em plena ascensão.

Estas pesquisas evidenciaram a necessidade de re-estudar ambas as moedas de Beja, e o novo espécime em particular, já que é mais esclarecedor que o primeiro. Não só foi rectificada, agora, a leitura da palavra em causa, confirmando que se trata do sobrenome do emir Abu Talib, como se conseguiu datar rigorosamente a cunhagem e progredir no conhecimento do contexto histórico.

DESCRIÇÃO

a) *Quirate da col. M. T. Antunes*

— moeda geralmente bem conservada, com legendas inteiramente legíveis; periferia algo incompleta, não por cerceio mas talvez por defeito do disco, fracturado aquando da cunhagem e com perda de matéria (houve esmagamento, evidente junto da superfície de fractura e na face com os nomes do imam e do emir, onde parece ter havido dobramento de uma porção de metal); pode ter resultado de recunhagem, o que

(1) Literatura mais recente: *EI*, III, p.893-894; GOODRICH, 1978.

não podemos demonstrar; mostra indícios de ter circulado, e de alguma corrosão; cunhagem cuidada, com disco circular quase perfeito; caligrafia cúfica evolucionada, ornamentada, bem desenhada e gravada.

— metal: prata.

— métrica: não é possível a determinação dos valores máximo e mínimo absolutos do módulo, devido ao estado incompleto; máximo observado, 14.2 milímetros; estes e outros elementos constam do Quadro I, que igualmente contém informação acerca de mais 19 quirates do período das taifas almorávidas, incluindo do de Beja encontrado na Lapa do Fumo.

— ornamentação: legendas contidas num círculo interno liso, em relevo, rodeado por um círculo externo granuloso, com cerca de 2 grânulos por milímetro; alguns pequenos círculos e semi-círculos, no campo e no exergo, aliás pouco espaçoso; os pontos diacríticos das letras são colocados de modo irregular e fora dos locais próprios, de acordo com as necessidades estéticas de preencher os espaços interlineares; no anverso, há um crescente em cima da palavra *nabiyyuna* (vide Quadro II).

— legendas: apresentadas comparativamente às do espécime da Lapa do Fumo no Quadro II; o estilo da caligrafia de ambos os lados parece diferente.

b) *Quirate da Lapa do Fumo*

A menos que seja necessário, e assim é, por exemplo, no que concerne à métrica, não repetiremos matérias já tratadas; os dizeres foram considerados noutras publicações.

— métrica: vide Quadro I.

— ornamentação: semelhante à do exemplar acima descrito e de estilo idêntico, com círculos concêntricos (liso envolvido por outro de grânulos) a envolver as legendas, pequenos círculos e semi-círculos, porém com diferenças quanto ao número e à disposição; vale a mesma observação já apresentada quanto aos pontos diacríticos e o crescente (vide Quadro II).

— legendas: mesmas observações que para a moeda precedente (vide Quadro II).

c) *Composição química das ligas*

Análise por dispersão de raios X no microscópio electrónico de varrimento (SEM) JEOL 300 A do CEPUNL, equipado com microsonda TRACOR, efectuada por J. C. Pais, revelou cloro, prata e cobre. O Cl não foi doseado por se tratar evidentemente de elemento introduzido por alteração, comum em moedas de prata quando se forma cerargirite, Ag Cl. A relação ponderal Ag : Cu da liga é de 97.06 : 2.94 % no quirate da Col. M.T.A.; e de 95.54 : 4.46 % no da Lapa do Fumo. Trata-se, pois, de ligas de excelente qualidade, o que também se verifica em numerosos quirates almorávidas (CABRAL & MARINHO, 1988).

Quadro I — Métrica de *Quirates das Taifas almorávidas*

(Col. M.T.A., salvo um exemplar (*) do Museu Municipal de Sesimbra)

EMIR	Local de cunhagem	Vives n.º	Proveniência	Módulo (mm)* máx. - mín.	Espessura (mm)* máx. - mín.	Peso (g)
Ibn Qasi	Mértola	1916	?	13.3 - 12.8	0.9 - 0.7	0.941
Abu Talib (com Ibn Qasi)	Beja	—	S de Beja	(14.2)	0.8 - 0.7	0.802
<i>idem</i> (*)	Beja	—	Lapa do Fumo	13.8 - 13.0	0.9 - 0.6	0.976
Ibn Hamdin	Córdova	1907	?	11.3 - 10.6	1.2 - 0.8	0.908
Ibn Wazir (com Ibn Hamdin)	?	1909	Lapa do Fumo (oferta de E. C. Serrão)	11.9 - 11.3	1.2 - 0.9	1.013
<i>idem</i> (id.)	?	1909 var.	?	10.8 - 10.1 (cerceada)	1.2 - 0.8	>0.721
Ibn Wazir	?	1911	?	12.3 - 11.9	0.9 - 0.6	0.791
<i>idem</i>	?	1911	castelo de Messejana	13.5 - 12.3	0.8 - 0.5	0.901
Ibn Wazir	?	1912	castelo de Messejana	11.4 - 10.9	1.0 - 0.7	0.898
Banu Tashfin	?	1980	?	11.0 - 10.4	1.1 - 0.9	0.849
Ibn 'Ali	Badajoz	1988	?	10.7 - 10.3	1.0 - 0.7	0.781
Califa abácida anónimo	?	2003	?	12.2 - 11.6	1.2 - 0.7	0.883
Mohammed ibn Sa'd	Múrcia	1969	?	13.0 - 12.6	0.9 - 0.6	0.907
Mahdi (Ibn Qasi)	n. indicado mas Silves	—	castelo de Sesimbra ou Lapa do Fumo? (oferta de J. C. Fernandes)	11.7 - 11.2	0.9 - 0.7	0.789
Mahdi anónimo (tipo A)	?	—	?	11.6 - 11.2	1.0 - 0.7	0.913
<i>idem</i>	?	—	?	11.0 - 10.8	1.2 - 0.7	0.912
<i>idem</i>	?	—	arredores de Almeida	12.0 - 11.4	1.1 - 0.8	0.899
<i>idem</i>	?	—	imediações de Pinhel	11.0 - 10.6	1.2 - 0.8	0.857
Mahdi anónimo (tipo B)	?	—	?	11.3 - 11.1	1.0 - 0.7	0.866
<i>idem</i>	?	—	imediações de Pinhel	11.5 - 11.0	1.2 - 0.8	0.801

(*) Medidas tomadas com craveira susceptível de avaliação até 0.05 mm; no caso do módulo, foram efectuados numerosos ensaios em cada espécime, indicando-se o máximo e mínimo observados; quanto à espessura, procedeu-se semelhantemente, mas apenas nos 3 mm periféricos, para evitar medidas sem significado quando havia deformação significativa do disco. Quanto aos locais de proveniência, há casos diversos: em que são conhecidos precisamente; outros de maneira vaga mas certamente de determinada região; ou em que a região é indicada com dúvida; enfim, aqueles que foram adquiridos no comércio sem quaisquer indícios da proveniência primária.

Quadro II — *Legendas dos quirates de Beja*

Anverso		Reverso	
Col. M.T.A.	L. do Fumo	Col. M.T.A.	L. do Fumo
الله ربنا و محمد نبينا و المهدي امامنا باجة	الله ربنا و محمد نبينا و المهدي امامنا باجة	الامام القائم بامر الله احمد بن قسي و الامير ابو طالب الزهر [؟]	الامام القائم بامر الله احمد بن قسي و الامير ابو طالب الزهر؟

d) *Observação sumária no SEM*

São frequentes as cavidades entre cristais, que sugerem trabalho a temperatura relativamente baixa. É possível que pesquisas sistemáticas neste domínio revelem dados interessantes quanto às técnicas metalúrgicas e às próprias cunhagens.

e) *Comparações*

São notáveis, do ponto de vista da métrica, o módulo e o peso relativamente elevados, ainda que tenhamos observado alguns quirates comparáveis da primeira fase (sem designação de herdeiro) do reinado de 'Ali ibn Yusuf. Alguns de Ibn Wazir tendem a ter módulo menor com disco mais espesso, portanto sem diferença de peso significativa. Ainda outros de idade próxima não se afastam muito (ver Quadro I).

Há algumas diferenças (ver figuras e Quadro II): de caligrafia, com letras geralmente mais esbeltas no exemplar da Lapa do Fumo; de ornamentação, em particular quanto a pequenos círculos e a pontos ornamentais; reverso em 4 e 5 linhas. Os dizeres são os mesmos, com a significativa diferença de o exemplar da col. M.T.A. ostentar, numa só linha, o que se demonstrará ser o nome completo do emir.

A comparação epigráfica entre os anversos sugere que, nas primeira e última linhas da moeda da col. M.T.A., os pontos decorativos resultam da transformação dos pontos diacríticos (do *qaf* e do *ba*) existentes no quirate da Lapa do Fumo. Daí se pode depreender que o cunho daquele é ulterior ao do da moeda da Lapa do Fumo. Portanto, a moeda da col. M.T.A. representa, provavelmente, uma emissão mais moderna.

LEITURA

As legendas de ambos os quirates são idênticas quanto ao teor, mas diferem pelo desenho.

O texto dos anversos encontra-se distribuído da mesma maneira: *Allah rabbuna / wa-Muhammad nabiyyuna / wa-l-Mahdi imamuna / Baja* (Deus é nosso Senhor / e

Muhammad é nosso Profeta / e o Mahdi é nosso Imã / Beja). É de notar, nos anversos, o crescente que encima a palavra *nabiyuna* (“o nosso profeta”).

Nos reversos a distribuição diverge:

— (Col. M.T.A.) - *Al-Imam / al-Qa'im bi-amr Allah / Ahmad Ibn Qasi wa-l-Amir / Abu Talib al-Zhr[?]* (O Imã / O Estabelecido por ordem de Deus (título) / Ahmad Ibn Qasi e o Emir / Abu Talib al-Zhr?).

— (Lapa do Fumo) - *Idem / idem / Ahmad Ibn Qasi / wa-l-Amir Abu Talib / al-Zhr [?]* (mesmo significado).

Salvo a menção do emir, as legendas são conhecidas doutras moedas de Ibn Qasi (Vives nº 1915-8; MARINHO, 1985 e 1986).

A leitura da última palavra dos reversos não é óbvia. Se, quanto à moeda da Lapa do Fumo, FIGANIER (1958, p.181) não avançou com nenhuma proposta, MARINHO (1968, p.19-21) leu, com reservas, *al-Zahra'*: nesta publicação como apelido do Emir Abu Talib; numa outra (1985, p. 183, n.5), como atributo - “a brilhante de brancura” - de Beja, o topónimo que figura na mesma posição na face oposta da moeda. No entanto, aquando da descrição do exemplar da col. M.T.A., que apresenta a palavra na mesma linha que o nome Abu Talib, MARINHO (1988, p. 3-4) confessa que “a dúvida voltou a instalar-se”.

Na verdade, mesmo que não tivesse aparecido este último exemplar, é indubitável que se trata de um apelido ou cognome. Em primeiro lugar, porque apenas personalidades muito notórias podem, em árabe, ser referidas pelo nome próprio (*ism al-'alam*) ou pelo sobrenome de paternidade (*kunya*) sem mais elementos onomásticos (CAETANI & GABRIELI, 1915, p. 115-118). Note-se que, no caso em apreço, a *kunya* “Abu Talib”, que significa literalmente “Pai do que procura [atingir a meta]”, não tem carácter genealógico mas sim metafórico (um ápodo de cavalo), com valor antonomástico (*id.*, p.104-107, 120-121). De qualquer modo, a conclusão a que chegamos é que a palavra em dúvida deve mesmo representar um elemento onomástico complementar.

Por outro lado, as cidades islâmicas não costumam receber atributos. Apenas, em certos casos e com intuito distintivo, um sobrenome relacionado com a sua topografia ou seus recursos naturais, construído sintacticamente no estado de anexação e não de juxtaposição (*id.*, p. 257). No caso de Beja, é conhecido o seu sobrenome de *al-Zaytun* (“das Oliveiras / Azeitonas”), em oposição a *Baja al-Qamh* (“Beja do Trigo / dos Cereais”), que é a Beja tunisina (2).

Tendo ficado assente que o último termo da legenda do reverso dos nossos dois quirates deve representar um elemento antroponomástico a juntar à *kunya* Abu Talib, resta estabelecer a sua leitura correcta.

(2) Ver *El*, II, p.886-887. Lembre-se, a propósito da sugestão de Marinho, que *al-Zahra'* foi a célebre cidade palatina dos califas de Córdoba, depois de ter sido o nome da “favorita” de 'Abd al-Rahman III.

A proposta de Marinho, que deu *al-Zahra'*, não é aceitável como sobrenome por ser palavra feminina. E nem o exemplo invocado em abono desta interpretação retira esta objecção, já que o nome figura ali sem artigo; quer dizer, não funciona como sobrenome mas como simples apelido, consoante a prática moderna.

A origem de todo o malentendido deve-se ao facto de se ter interpretado o desenho da letra que, na moeda de Sesimbra, fecha a palavra, como um *alif* em vez de um *ya* final. Correctamente lida, a legenda dá a conhecida *nisba* (gentílico) *al-Zuhri* ⁽³⁾. Ora, segundo o grande polígrafo e genealogista do século XI, IBN HAZM (1977, p.132; trad., p.86), os lares dos Zuhris no Andaluz - descendentes de 'Abd al-Jabbar Ibn Abi Salma, do clã qurayshita dos Banu Zuhra - eram Beja e Badajoz. Se bem que encontramos um dos seus ramos na Sevilha do século XII (IBN 'IDHARI, 1980, p.65; TERÉS, 1957, p.86), é lícito pensar que o nosso Abu Talib al-Zuhri ⁽⁴⁾, pertencendo a esta antiga família, era natural da cidade que veio a governar, durante breve lapso de tempo, em meados desse século. Mais não podemos acrescentar acerca desta personagem, pois nenhum outro documento o menciona.

Cabe aqui, antes de encerrar este capítulo, breve referência a outro numisma atribuível a Ibn Qasi e cuja leitura é interpretada por MARINHO (1985, p.190-191; 1986, p.433, n.7) na mesma perspectiva, aqui refutada, que adoptou relativamente aos quirates de Beja: a de ler complementarmente as últimas linhas de cada face da moeda, corrigindo, graças a isso, a leitura algo problemática da linha do reverso. Nesta base, se no anverso temos *al-Imam al-haqq* (a traduzir mais correctamente por "O verdadeiro Imã", e não "O imã, a verdade"), teríamos no anverso *Ray' al-Din* ("Resplendor da Religião", segundo Marinho), enquanto título honorífico de Ibn Qasi, em vez de *rub al-dinar* ("quarto de dinar"). Mas, também aqui, considerações de ordem histórico-filológica não corroboram de modo nenhum esta interpretação. De facto, a combinação *Ray' al-Din* ⁽⁵⁾ é totalmente desconhecida em títulos ou atributos político-religiosos islâmicos (CAETANI & GABRIELI, 1915, p.200). *Ray'* não entra, do mesmo modo, em outras composições com o mesmo carácter (*id.*, p.202-207). Temos de aceitar, portanto - apesar das dúvidas de cariz gráfico ou monetário apontadas por Marinho - a leitura da legenda em causa no sentido indicado por outros numismatas e recusar a ligação semântica entre as últimas linhas de ambas as faces da moeda.

⁽³⁾ CAETANI & GABRIELI, 1915, p. 226, em conjugação com: IBN HAZM, 1977, p. 128-135; *El*, vol. *Index I-V*, p. 295 s.v.; ÁVILA, 1985, p. 192 s.v.; OLIVER ASIN, 1974, p.37. As informações desta última referência a respeito dos Banu Zuhri devem ser corrigidas em função dos dados fornecidos por IBN HAZM (1977, p. 132, 327; trad., p. 86, 110) e, indirectamente, por IBN 'IDHARI (1980, p. 65).

⁽⁴⁾ A ler "az-Zúhri", com assimilação do *l* do artigo e acento tónico no *u*. Quanto a Abu Talib, onde o *t* de qualquer modo é enfático, deve ler-se "Abu-Táleb". Lembremos, também, que a pronúncia de Ibn Qasi é "Ibn(e)/Ib(e)n-Qáci", com ênfase no *q*.

⁽⁵⁾ *Ray' al-Din* daria eventualmente "Primor/Excelência da Religião" e não "Resplendor...". Deve ter havido, por parte do autor, uma confusão com a palavra *raw'a*, derivada de uma raiz muito próxima.

DATAÇÃO

Como os demais quirates, os dois espécimes cunhados em Beja não têm data. Para se lhes atribuir uma, e na ausência de qualquer informação directa acerca da governação desta cidade por Abu Talib al-Zuhri, é forçoso abordar a história das peripécias do governo da mesma no âmbito do reino mahdista de Ibn Qasi.

Sabe-se que este cedeu o governo de Beja a Ibn Wazir de Évora, que contribuiu para a submissão de Beja à causa dos Muridines. A nomeação de Ibn Wazir, bem como a de Ibn al-Mundhir para Silves, teve lugar no princípio de Rabi' II 539/ Out. 1144, apenas um mês após a proclamação de Ibn Qasi como Mahdi, em Mértola ⁽⁶⁾. Assim, MARINHO (1968, p.21, n.2) quer fixar o *terminus post quem* da governação de Abu Talib por conta de Ibn Qasi “após a defecção de Ibn Wazir” em relação a este - defecção que ele data (*id.*, p.35) de Rajab ou Ramadan do mesmo ano (Jan./ Mar. 1145), seguindo a cronologia adoptada por FIGANIER (1958, p.175). Não interessa aqui discutir esta datação específica, pois não é por esta pista que lograríamos atingir o nosso objectivo ⁽⁷⁾.

De facto, após a ruptura entre o Mahdi e o caudilho eborense, este manteve sempre Beja sob seu domínio. Nela derrotou e aprisionou o prestigioso braço militar da revolução dos Muridines, Ibn al-Mundhir de Silves, despachado contra ele pelo Mahdi (IBN AL-ABBAR, 1964, p.207; trad., p.337). Depois deste revés, Ibn Qasi não conseguirá subjugar, por outros meios, o vassalo rebelde, nem reintegrar o “Alentejo” no seu reino. Pelo contrário, será destronado por ele, alguns meses mais tarde, e os seus domínios viriam juntar-se à já grande área que Ibn Wazir se tinha talhado no Ocidente peninsular. E, quando o sufi silvense volta a governar, mercê do apoio militar dos Almóadas, a sua soberania - à sombra deles, no princípio; sem tutela alguma, mais tarde - limita-se claramente a Silves e seu território (*id.*, p.200 e 207/ p.333 e 337; Ibn Khaldun *apud* LOPES, 1910, p.350). Évora e Beja continuam nas mãos de Ibn Wazir, tal como Badajoz e Niebla nas de Ibn al-Hajjam e al-Bitruji.

Houve, porém, ainda durante a vigência do reinado mahdista de Ibn Qasi, um breve lapso de tempo durante o qual Ibn Wazir não teve poder sobre Beja, e que escapou à atenção dos investigadores portugueses que temos vindo a citar. Isto aconteceu quando Ibn Qasi o mandou encarcerar em Mértola, enquanto Ibn al-Mundhir se encontrava em campanha contra Sevilha (IBN AL-ABBAR, 1964, p.207/ p.337).

(6) IBN AL-ABBAR, 1963, p. 203. A tradução de LOPES (1911, p. 334) - ou o seu original - tem erradamente Rabi' I. Há mais um erro na tradução desta passagem: o sujeito da segunda oração (*já lá - i.e. em Mértola - tinha estado antes durante um mês*), refere-se, do ponto de vista sintáctico - e cronológico, aliás - a Ibn Qasi e não a Ibn al-Mundhir.

(7) A. S. está a preparar um estudo monográfico sobre Ibn Wazir. Ver o quadro cronológico inserido na nossa anunciada contribuição: ANTUNES & SIDARUS, 1991-1992.

Ora, esta campanha deve ter decorrido durante o mês de Jumada I 539/ Nov. 1144, porque, segundo a mesma fonte (*id.*, p.206/ p.336), a contra-ofensiva almorávida contra as tropas dos Muridines acabou por um cerco de Niebla que durou três meses, no “auge do Inverno” (8), tendo sido levantado por causa da rebelião de Ibn Hamdin em Córdoba, em princípios de Ramadan 539/ Mar. 1146 (9).

Deste modo, deve ser precisamente naquele mês de Jumada I 539/ Nov.1144 que o Emir Abu Talib al-Zuhri governou Beja em nome do Mahdi Ibn Qasi e, consequentemente, cunhou os quirates objecto do presente estudo.

IBN QASI E AS PRIMEIRAS CECAS DE BEJA E DE SILVES

Não é inédito encontrar, em moedas daquela época, o Mahdi Ibn Qasi associado a outros chefes locais do Andaluz. Temos o caso interessantíssimo, ainda não suficientemente realçado nem explorado do ponto de vista da história política de Ibn Qasi, de um dinar de Múrcia, de 540, onde a legenda do reverso o menciona (*al-Imam al-Qa'im bi-(A)llah Ibn Qasi*) juntamente com o famoso Safadola das crónicas cristãs, *al-Amir al-Mustansir bi-(A)llah Ahmad Ibn Hud* (MARINHO, 1985, p.191-2, n.28).

Neste caso, contudo, a legenda do anverso deixa transparecer uma certa relativização das pretensões político-religiosas do Mahdi de Mértola. Em vez da fórmula tripartida típica das cunhagens de Mértola e Beja, com referência explícita à categoria de Mahdi, temos a tradicional profissão de fé islâmica e a invocação do califa abácida. Esta invocação, feita em termos genéricos e sem menção específica do califa reinante, segue a prática corrente dos Almorávidas, continuada pela quase totalidade dos chefes autónomos da Península. É sabido que tinha carácter meramente formal: reconhecia-se a autoridade suprema, de cariz político-religioso, do califa, sem que isso se traduzisse em qualquer exercício efectivo de poder por parte deste.

Há que assinalar, aliás, que Ibn Hud cunhou, em Múrcia e no mesmo ano, outro tipo de dinar sem referência a Ibn Qasi (Vives nº 1920), sucedendo o mesmo com as suas várias moedas de prata, que não indicam data nem ceca (Vives nºs 1921-3). Muito curiosamente, estas amoedações murcianas devem ter sido realizadas nos escassos 30 dias que medeiam entre a entrada do impetuoso caudilho na cidade levantina, a 18 Rajab 540/ 4 Jan.1146, e a sua morte em combate, a 20 Sha`ban/ 5 Fev. (IBN AL-ABBAR, 1964, p.250-1; CODERA, 1899, p.83-87).

(8) Assim, a campanha nunca poderia ter tido lugar no fim deste ano islâmico (fim da Primavera de 1145), como quer LOPES (1910, qu. cron.), seguido por FIGANIER (1958, p.174), sem nenhum suporte documental.

(9) IBN AL-ABBAR, 1964, p.218, onde se confirma o nexu temporal com o cerco de Niebla (mais uma referência na p.220).

De qualquer modo, aquela moeda do *Sharq al-Andalus* vem juntar-se às de Beja para nos informar que, a par de numismas batidos em Mértola com a menção exclusiva de Ibn Qasi (Vives nº 1915-8; MARINHO, 1985, p.182-3, n.5), circulavam outros cunhados em sedes de províncias, que associavam o seu nome aos dos respectivos chefes locais, quando estes reconheciam a sua autoridade. Coloca-se, então, a questão de saber se não foram emitidas também, no Sudoeste peninsular que representava a base do estado “mahdista” de Ibn Qasi, moedas onde figuravam, ao lado dele, os governadores de Silves e Beja, Ibn al-Mundhir e Ibn Wazir.

No caso deste último, a pergunta parece duplamente pertinente. De facto, como explicar a amoedação de Abu Talib al-Zuhri, nomeado governador em circunstâncias conflituosas e, afinal, por lapso de tempo muito reduzido, sem existência prévia de uma ceca islâmica em Beja que teria dado à luz moedas mais ou menos semelhantes às que foram cunhadas em seu nome? Em nossa opinião, Ibn Wazir - o chefe luso-muçulmano que mais tipos e maiores quantidades de moeda emitiu - pode (e talvez deve) ter criado a primeira casa da moeda árabe em Beja. Do ponto de vista numismático, a observação de um dos exemplares objecto desta nota, o encontrado a Sul de Beja (col. M.T.A.), revela possível recunhagem. Não se teria procedido à sistemática recolha de moedas anteriormente batidas para as converter noutras, com o nome do novo governador?

Para Silves, a questão põe-se em termos inversos. Que saibamos, os mais antigos - por enquanto conhecidos - espécimes muçulmanos cunhados nesta prestigiosa cidade são de Ibn Wazir de Évora (Lapa do Fumo nº 11, e talvez o nº 10). Datam da sua primeira conquista de Silves, entre finais de 539 e princípios de 540 (Maio-Ago.1145), e da sua aliança com Ibn Hamdin de Córdoba, a qual deve ter cessado pouco após a destronação deste pelo governador almorávida Ibn Ghanyia, a 12 Sha`ban 540/28 Jan.1146 (IBN AL-ABBAR, 1964, p.199-200; trad., p.333; CODERA, 1899, p.59). As moedas, anónimas, emitidas por Ibn Qasi em Silves (MARINHO, 1985) datam da sua recuperação desta cidade com o apoio do exército almóada, chegado ao Andaluz em Muharram 541/ Jun.1146.

Ora, é sabido que antes e depois de integrar Silves nos seus domínios - e, a nosso ver, também durante este período - o caudilho eborense cunhava moedas sem indicação de local. As razões deste procedimento não estão ainda esclarecidas, e não será aqui o lugar apropriado para discutir pormenorizadamente o assunto. O que interessa, no contexto, é que não se pode explicar a menção específica de Silves nas suas moedas acima citadas sem que já tivesse havido, ali, amoedação árabe. Muito provavelmente, à semelhança dos exemplares de Beja, os numismas mencionariam conjuntamente o Mahdi Ibn Qasi e o Emir Ibn al-Mundhir (ou o seu substituto, quando estava preso em Beja).

Uma nota final antes de passarmos às conclusões. Se os quirates aqui estudados representam as únicas moedas árabes conhecidas que referem explicitamente Beja como local de cunhagem, conhecem-se outras onde figura o gentílico *al-Baji* (“o

bejense”). Trata-se dos dirhemes (10) e semi-dirhemes (Vives nº 2120) batidos em Sevilha, quase um século mais tarde, nas chamadas Taifas almóadas, por Abu Marwan Ahmad ibn Muhammad al-Bajī, da ilustre família oriunda de Beja (11). Referido nas moedas com o título de “al-Amīr al-Mu’tadīd bi-(A)llah”, chegou a governar Sevilha, entre 629 e 631/1232 e 1234, como chefe supremo do respectivo órgão soberano (12).

CONCLUSÕES

Sintetizemos, para concluir, os principais resultados decorrentes do presente estudo.

Em primeiro lugar, do ponto de vista da cunhagem:

1. Os dois quirates batidos em Beja em nome de Abu Talib al-Zuhri e do Mahdi Ibn Qasi (coleções do Museu Municipal de Sesimbra e de M.T.Antunes) têm módulo que muito excede a média observada em 20 quirates das taifas almorávidas e, bem assim, na generalidade dos quirates almorávidas; o segundo atinge o maior valor absoluto que conhecemos.

2. Apesar de o peso ser de considerar com precaução, visto poder ser afectado por cerceio, uso, acidente, corrosão e eventual acreção de matéria (por via química: Cl e S, no caso de Ag; também C, O, H quanto ao Cu), podemos concluir que os pesos dos quirates de Beja são semelhantes aos dos demais (almorávidas e das taifas almorávidas); o peso foi mantido com grande constância em ≈ 0.85 gramas, com desvios +/- não excedendo $\approx 8\%$ em exemplares bem conservados (nossas observações).

3. A espessura dos quirates de Beja é claramente inferior à média que observámos em 20 espécimes das taifas almorávidas, o que está em relação com os pontos 1 e 2.

4. Determinações com microsonda indicam, para as ligas, as seguintes composições: Lapa do Fumo, Ag, 95.54 % - Cu, 4.46 %; col. M.T.A., Ag, 97.06% - Cu, 2.94 % (foi detectado Cl, presente por alteração). Trata-se de ligas de excelente qualidade.

5. O quirate da col. M.T.A. pode ter resultado de recunhagem a partir de outro.

6. Os quirates de Beja em estudo foram produzidos com dois cunhos do “reverso” diferentes (o que era conhecido), e com cunhos também diferentes do “anverso” (o que agora evidenciamos).

(10) Dois exemplares: Vives nº 2119 (= RIVERO, 1951, fig.14); BEL, 1933, p.55-56.

(11) Lembremos, a propósito, a figura do jurista, teólogo e literato do séc.XI, Abu l-Walid al-Bajī (*Et. I*, p.889; DOMINGUES, 1960; ALVES, 1991).

(12) BEL, 1933, p.56-57; RIVERO, 1951, p.734; BOSCH, 1984, p.178-179.

7. Considerações de ordem epigráfica apontam no sentido de o quirate da col. M.T.A. ser ulterior relativamente ao da Lapa do Fumo.

Dos pontos de vista histórico e onomástico, assinala-se:

8. Os quirates batidos em Beja em nome de Abu Talib al-Zuhri e do Mahdi Ibn Qasi devem ser datados de Jumada I 539/ Novembro de 1144, o mês durante o qual a primeira personagem foi governador de Beja (em substituição de Ibn Wazir de Évora).

9. A leitura do nome completo desta personagem (que até agora aparece exclusivamente nas moedas em apreço) foi definitivamente estabelecida; foi também apurada a sua provável origem bejense.

10. Esta leitura definitiva, conjugada com análises filológico-onomásticas, permitiu afastar a hipótese segundo a qual Beja teria sido apelidada por *al-Zahra'*, assim como a referente ao título *Ray' al-Din* como tendo sido atribuído a Ibn Qasi.

11. Foi demonstrado que devem ter circulado, no Sudoeste peninsular, outras moedas do mesmo tipo, associando Ibn Qasi com os nomes de um Ibn Wazir, para Beja, ou de um Ibn al-Mundhir, para Silves.

12. Consequentemente, a primeira ceca árabe de Beja pode ter sido criada por Ibn Wazir, concomitantemente com a criação da de Mértola por Ibn Qasi e da de Silves por Ibn al-Mundhir, logo nos princípios do estado mahdista dos Muridines.

ADITAMENTO

Após a entrega do original para publicação, tomámos conhecimento do achado de uma moeda de prata na «Structure 1», num quarto incluído na área queimada, em Alcaria Longa (Concelho de Mértola) — cf. BOONE, J. L. (1992) — *The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: a caliphal-taifal period rural settlement in the Lower Alentejo of Portugal*, in *Arqueologia medieval*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 51-64, Edições Afrontamento, Porto.

Segundo o autor (idem, pp. 61-62, fig. 11A, p. 64), a moeda foi perfurada para a converter em botão, tendo sido «unfortunately damaged to the extent that a positive identification of the ruler and the date has not been made, but stylistically, the coin is consistent with the taifal or Almoravid periods. It certainly predates the Almohad period» (p. 62).

Apesar dos dois furos, que danificam a legenda, a figuração é suficiente para reconhecer que se trata de um quirate cunhado em Beja por Abu Talib al-Zuhri em nome do Mahdi Ibn Qasi. É aparentemente idêntico ao da colecção M. T. Antunes, atrás descrito, com quatro linhas na face com aqueles nomes (e, nisto, diferente do da Lapa do Fumo, que tem cinco linhas).

Como vimos, a data pode ser determinada com rigor: Jumada I de 539 / Novembro de 1144. A moeda em causa constitui, pois, um dado cronológico interessante.

AGRADECIMENTOS

Testemunhamos o nosso reconhecimento ao Prof. Doutor João C. Pais, autor das análises com microsonda, bem como (MTA) ao falecido Dr. Eduardo da Cunha Serrão e ao Coronel José Alves de Carvalho Fernandes, pela oferta de espécimes numismáticos. Agradecemos, outrossim, ao Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Sesimbra e, em particular, às respectivas Vereadora, Dra. Odete Graça, e Técnica, Dra. Luísa Maria C. S. Carvalho, a pronta cedência para estudo do quirate de Abu Talib al-Zuhri da Lapa do Fumo, pertença do Museu daquela Municipalidade; e a Ana T. Antunes, pelas fotografias.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, [José] Adalberto [Coelho] - *Um humanista árabe do século XI: Abu al-Walid al-Baji*. Câmara Municipal, Beja 1991.
- ANTUNES, Miguel Telles, SIDARUS, Adel- "Fracção de dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn 'Alí: Significado histórico e político". *Nummus* 2º s. XIV-XV 1991-1992. p. 35-45.
- ÁVILA, María Luisa - *La sociedad hispanomusulmana al final del Califato: Aproximación a un estudio demográfico*. C.S.I.C., Madrid 1985.
- BEL, Alfred - "Contribution à l'étude des dirhems de l'époque almohade d'après un groupe important de ces monnaies, récemment découvert à Tlemcen". *Hespéris* 16 1933 p. 1-68. Rabat.
- BOSCH VILÁ, Jacinto - *La Sevilla Islámica -712-1248*. Colección de Bolsillo, 92, Universidad, Sevilla 1984.
- CABRAL, João M. Peixoto, MARINHO, José Rodrigues - "Analysis of the Almoravid silver coinage: the qirats", in *Problems of medieval coinage in the iberian area*, 3, p. 145-173, Santarém 1988.
- CAETANI, Leone; GABRIELI, Giuseppe - *Onomasticum arabicum*. Vol. I: *Fonti - Introduzione*, Roma 1915.
- CODERA, Francisco - *Decadencia y desaparición de los Almorávides en España*. Zaragoza 1899.
- DOMINGUES, José D. Garcia - "A obra jurídica e teológica de Abu' l-Walid al-Baji (O de Beja)", *Ocidente* LIX/267 p. 37-49, Lisboa 1960. (Existe também em separata).
- El = Encyclopédie de l'Islam*. Nova ed. Laida: E.J.Brill; Paris: Maisonneuve et Larose, 1960 ss.
- FIGANIER, Joaquim - "Moedas árabes do século XII encontradas no Concelho de Sesimbra", *Anais (Acad. Port. Hist.)* 2º s. 8 p. 161-195, Lisboa 1958.
- IBN AL-ABBAR - *Kitab al-Hulla as-siyara'*. Ed. Hussayn Mu'nis II, Cairo 1963 : Lajnat al-Ta'lif (*recte*: 1964; trad. = Lopes 1910).
- IBN HAZM - *Jamharat ansab al-'Arab*, Ed. 'Abd al-Salam M. Harun, 4ª ed. Cairo 1977: Dar al-Maaref (Dakha'ir al-'Arab, 2; trad. = Terés 1957).
- IBN 'IDHARI al-Marrakushi - *Al-Bayan al-mughrib*, Ed. Ihsan 'Abbas, 2ª ed. Beirute 1980: Dar al-Thaqafa, 1400 H.
- Lapa do Fumo n°** = Coleção descrita por FIGANIER (1958) e por MARINHO (1968).

- LOPES, David - "Os Árabes na obra de Alexandre Herculano", *Bol. da II Classe* (Acad. Ciênc.) III/4 p. 323-377, Lisboa 1910. (Existe também em separata. Cita-se, sobretudo, a trad. de fontes árabes; qu. cron. = quadro cronológico entre as p. 330 e 331).
- MARINHO, José Rodrigues - *Moedas muçulmanas de Beja e Silves: Um achado monetário no Concelho de Sesimbra*. Câmara Municipal, Sesimbra 1968.
- "Moedas de Ahmad ibn Qasi batidas em Silves", *AP* sér. IV 3 1985 p. 177-196.
- "The beginning of the characteristic Almohad coinage: Some hypotheses". *Proceedings of the 10th International Congress of Numismatics/ Actes du 10ème Congrès International de Numismatique* p. 429-435 International Association of Professional Numismatists (Publication N.º 11). London 1986.
- "Moeda muçulmana batida em Beja". *Numisma* 48 1988 p. 1-4, Lisboa.
- MOLINA, Luis - "Familias andalusíes: Los datos ... de Ibn al-Faradi". II. Maria Luisa Ávila (ed.). *Estudios onomástico-bibliográficos de Al-Andalus* III 1990 p. 13-58, Madrid: C.S.I.C./ Escuela de Estudios Árabes.
- OLIVER ASÍN, Jaime - *En torno a los orígenes de Castilla: Su toponimia en relación con los árabes y los beréberes*. Real Academia de la Historia, Madrid 1974.
- RIVERO, Casto María del - "Los reinos menores de Taifas y sus cecas en los siglos XII y XIII". *Las Ciencias* (Madrid) 16 1951 p. 724-735.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha - "A Lapa do Fumo", *Geographica* (Lisboa) 15 1968 p. 68-92.
- TERÉS, Elias - "Linages árabes en al-Andalus según la *Yamhara* de Ibn Hazm", *Al-Andalus* 22 1957 p. 55-111, 337-376. Granada e Madrid.
- Vives nº = Inventário de VIVES (1893).
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio - *Monedas de las dinastias árábigo-españolas*. Madrid 1893 (Reimpressão, 1978).



Anverso



Reverso

Ampl. 4 x

Quirate de Abu Talib al-Zuhri, de Beja

(Colecção M. T. Antunes; fotografias de A. T. Antunes)



Anversos



Reversos

Desenhos à Câmara clara, à mesma escala (escala gráfica representada), comparando os anversos (em cima) e os reversos (em baixo) dos quirates de Beja da Col. M. T. A. (à esquerda) e do Museu Municipal de Sesimbra (à direita).

(Desenho de M. T. Antunes)